

## MALANDROS DE VÁRIAS TERRAS

Tania Macedo\*  
USP/UNESP

Em famosa composição Noel Rosa afirmava que o malandro “é coisa nossa, muito nossa”. A nossa pesquisa que vimos realizando, sem querer desmerecer um dos maiores compositores brasileiros, intenta demonstrar que o malandro, que há muito habita o imaginário brasileiro, é uma figura híbrida que frequenta não apenas nossa literatura e as “rodas de bamba” dos morros cariocas, onde ganhou o som e o ritmo do samba, a camisa listrada e o pandeiro, como também pode ser encontrado em textos angolanos, percorrendo as ruas de Luanda e seus musseques.

A fim de apontarmos alguns textos em que a presença do malandro é marcante, vale definirmos melhor as linhas que compõem essa personagem. A partir dos estudos levados a efeito por vários autores que se dedicaram ao estudo desse “tipo brejeiro”, entre os quais encontram-se Roberto da Mata e seu famoso texto *Carnavais, heróis e malandros*, Roberto Goto, Cláudia Matos e Antonio Candido com o clássico e imprescindível “Dialética da malandragem”, poderíamos dizer que o malandro:

- Situar-se-ia na torrente da tradição popular, mais especificamente nos “causos” e contos do anti-herói Pedro Malasartes;
- Não respeita e nem crê nos valores de autoridade e do poder, mas, contraditoriamente, se aproveita deles em seu próprio benefício, atuando sozinho, a fim de sobreviver;
- Em função dos mais variados esforços para sobreviver, acaba vivendo entre a lei e a marginalidade, nas franjas do que Antonio Candido no seu artigo antes citado chamou de “mundo da ordem”;

---

\* Este texto faz parte de pesquisa de Bolsa de Produtividade em Pesquisa financiada pelo CNPq.

- Por essa razão, pode-se vinculá-lo a uma sociedade que prima pela exclusão, em que ocorre a falta de exercício de uma cidadania plena, ou, nas palavras do sociólogo José Vicente Tavares dos Santos<sup>1</sup>, uma sociedade de “cidadania dilacerada”, que evoca o dilaceramento do corpo, da carne, com uma crescente violência física - incorporada à sociedade contemporânea – que ameaça as possibilidades de participação social;

As definições acima de certa maneira podem ser iluminadas pelo clássico ensaio de Antonio Candido, o “Dialética da malandragem”<sup>2</sup>, ao avaliar o romance *Memórias de um sargento de milícias*, faculta a análise de uma sociedade que abriga tipos próximos do anti-herói protagonista do livro de Manuel Antônio de Almeida. Pontuando a relação literatura e sociedade (focalizando privilegiadamente a sociedade brasileira jovem a qual cria normas “rígidas e impecavelmente formuladas, criando a aparência e a ilusão de uma ordem regular que não existe e que por isso mesmo constitui o alvo ideal.” p. 49) Antonio Candido acaba por afirmar que o herói do romance, Leonardo Pacata, “não é um pícaro saído da tradição espanhola, mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca do seu tempo, no Brasil.” e aponta, com grande propriedade, como princípio estruturador dessa narrativa a dialética “ordem e desordem, que manifesta concretamente as relações humanas no plano do livro, do qual forma o sistema de referência” .

Ora, ao definir a personagem Leonardo Pacata como *malandro*, Candido frisa-lhe, sobretudo, o caráter híbrido. Assim, o seu trânsito entre a ordem e desordem, entre o lícito e o

---

<sup>1</sup> SANTOS, José Tavares. Microfísica da violência, uma questão social mundial. *Ciência e cultura*. São Paulo: Imprensa oficial, 2002.

<sup>2</sup> CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Ática, 1994.

ilícito, em um universo em que há “uma certa ausência de juízo moral (...) mistura de cinismo e bonomia” (p. 39) como que resume as características que vimos apontando.

Segundo entendemos, é na confluência dessas características que poderíamos definir o malandro e, a partir delas – e no que têm, inclusive, de recuperação de vestígios (aos quais Glissant denominaria *traces*) de culturas diversas a partir do “popularesco” e do oral – indicar o conceito de hibridização como perspectiva bastante produtiva para pensar essa personagem.

Assim, o malandro, ser que passa ao largo de uma previsibilidade tranquilizadora, para instaurar-se na heterogeneidade, no diverso, no impuro, remete-nos diretamente ao híbrido.

Vale lembrar que o termo (do grego *hybris*, “o que violava as leis naturais”) corresponde a impureza, o que remete às reflexões de Guy Scarpetta<sup>3</sup>:

O que um termo como impureza me parece caracterizar não é apenas a heterogeneidade dos registros ou dos materiais utilizados, mas a maneira de tratar estes choques, esta multiplicidade ativa. (p. 17 )

Ora, essa perspectiva apontada por Scarpetta, ou seja, a de que nossa atenção deve ser guiada não apenas para o registro do diverso, mas também e, principalmente, para a estrutura que a multiplicidade constrói, permite-nos pensar os textos em que a personagem do malandro aparece não apenas no marco de uma nacionalidade, mas alargar-lhe os domínios, para situá-lo como herói de uma escrita em que a ambivalência prevalece, construindo textos de uma “multiplicidade ativa” nos quais, segundo entendemos, a violência é marca característica, não nos esquecendo, em termos discursivos, da concorrência de matrizes da oralidade e do registro culto

---

<sup>3</sup> SCARPETTA, Guy. *L' impureté* apud BERND, Zilá (Org.) *Escrituras híbridas*. Estudos em literatura comparada interamericana. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

instaurando uma tensão que instiga os textos a encontrarem soluções, ainda que não definitivas, para essas contradições.

Dessa forma, podemos focalizar, por exemplo, a personagem do malandro tenha ela a sua aparição como Bakoulou, dos textos literários e de música popular do Haiti, tão bem analisado por Maximilien Laroche, ou Mestre Tamoda<sup>4</sup>, personagem título da novela do angolano Uanhenga Xitu.

Há de se ter cautela, todavia. Pois se a espacialidade pode ser alargada quando examinamos textos literários em que há aparição do malandro, não se pode deixar à margem o tempo ou, em outros termos, a história já que suas marcas são, via de regra, visíveis naqueles textos. Sob esse particular, vale lembrar as reflexões de Laroche:

(...) o que está vivo é mergulhado no longo rio da História. E o homem americano está ainda se fazendo, pois três séculos não foram suficientes para se desfazer de uma conquista cujos efeitos persistem. É portanto, preciso examinar as contradições, as oposições objetivas e as ambigüidades, contradições não objetivadas, como vagas contrárias de uma História que está se fazendo. (p. 40)<sup>5</sup>

Colocando, pois, a questão da contradição e da ambigüidade no panorama mais amplo das tensões estabelecidas pela colonização, o estudioso haitiano resgata a questão do híbrido não apenas como recurso literário, mas também como um projeto político.

É a partir dessas breves referências crítico-teóricas que situamos a produção de três autores contemporâneos pertencentes ao macrossistema das literaturas de língua portuguesa<sup>6</sup> e

---

<sup>4</sup> XITU, Uanhenga. *"Mestre" Tamoda e outros contos*. Lisboa: Edições 70, 1977.

<sup>5</sup> LAROCHE, M. in BERND, Zilá. *Escrituras híbridas*. Estudos em literatura comparada interamericana. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998, p. 29-41.

<sup>6</sup> Para a perspectiva que adotamos, a questão do macrossistema deve ser ressaltada, pois entendemos, com Benjamin Abdala Júnior, que as literaturas de língua portuguesa articulam-se em um macrossistema e, portanto, a questão de circulação de patterns (como o da personagem do malandro) no seu interior é extremamente importante, bem como a diferente apropriação que cada sistema literário realiza desses mesmos modelos articulatórios.

que, dentre a galeria de suas personagens, ganham destaque os malandros: referimo-nos aos textos do brasileiro João Antônio (1937-1996), os dos angolanos José Luandino Vieira (1935) e Uanhenga Xitu (1924).

As histórias de Luandino Vieira privilegiam como espaço dos acontecimentos descritos em seus contos, novelas e romances a cidade de Luanda e os habitantes dos musseques (bairros populares equivalentes às nossas favelas e cujos moradores, antes da independência de Angola, eram majoritariamente negros).

Os personagens de suas histórias constituem uma galeria de tipos que compreende, sobretudo, acabados malandros como Lomelino dos Reis (o Loló para as mulheres) e seus companheiros Via Rápida, o diambeiro, e Kam'tuta, o jovem deficiente do conto “Estória do ladrão e do papagaio” (*Luuanda*, 1972) <sup>7</sup>, ou o contínuo Xico João (“magro e não muito alto, usava mesmo aquele passo elástico característico dos queridos das moças da farras, dos miúdos das claques de futebol”) do romance *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1974), o pedreiro diambeiro Sobral (*Velhas histórias*, 1974), ou o presidiário, ex-músico, ex-engraxate, vendedor, servo de vários senhores chamado João Vêncio – um dos diversos nomes de Juvêncio Plínio do Amaral (*João Vêncio: os seus amores*, 1979). Não se pode ainda esquecer que na literatura de Luandino há ainda lugar para heróis positivos como Lucas Matesso (*Vidas novas*, 1975) ou a personagem título de *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1974).

Já o escritor brasileiro João Antônio inicia sua trajetória artística nos anos 1960 no Brasil com um texto considerado hoje já um clássico de nossa literatura, *Malagueta, Perus e Bacanaço*

---

<sup>7</sup> Tendo em vista que a maior parte dos textos de Luandino Vieira foram escritos na prisão, em razão de suas atividades anti-coloniais, informamos no corpo do texto a data da primeira publicação de seus livros, indicando abaixo o ano de redação dos mesmos: *A vida verdadeira de Domingos Xavier* – 1961; *Luuanda* – 1963; *Vidas novas* – 1962; *Velhas histórias* - 1964; *No antigamente, na vida* - 1969; *Nós, os do Makulusu* - 1967; *Macandumba* - 1971; *João Vêncio: os seus amores* – 1968.

(1961) em que se sobressai o conto título do livro, que narra a vida de três malandros paulistanos. A partir de sua estréia, João Antônio irá dedicar-se a escrever sobre a arraia miúda, como os malandros e bandidos Joãozinho da Babilônia (*Leão-de-chácara*, 1975), Mariazinha Tiro a esmo (*Ô Copacana!*), ou Jacarandá, malandro que protagonizará contos de vários livros do autor, os quais seriam posteriormente recolhidos no volume intitulado *Um herói sem paradeiro – Vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento* (1993). Seus contos têm como cenário as grandes cidades brasileiras (especialmente São Paulo e Rio de Janeiro), particularmente os bairros periféricos: as vilas e favelas.

Com relação aos textos do angolano Uanhenga Xitu (nome literário, em quimbundo, de Agostinho André Mendes de Carvalho), verifica-se que a sua prosa, não raro, nos leva para longe da cidade de Luanda, em uma busca de um cenário do interior do país, com seus costumes, os seus feitiços e suas gentes. Mas a cidade capital de Angola, quer como espectro, assustador, quer como lembrança, acaba por adentrar sempre os relatos.

A sua ficção privilegia os homens e mulheres do interior e, com isso, textos como *Bola com feitiço* (1974), *Manana* (1974), *Maka na sanzala* (1979) ou *O Ministro* (1990), procuram flagrar a sua gestualidade, as suas crenças e sua fala. A respeito, vale lembrar aqui as palavras de Salvato Trigo:

[O autor] é, inequivocamente um dos maiores *africanizadores* da literatura angolana (...) Uanhenga Xitu vai continuar a escrever (...) polifonicamente, como i tenm feito até aqui, dando à literatura angolana cada vez mais o sabor da *oratura*. Só assim o texto viverá, uma vez que se alicerça numa expressão vivificante, qual é a do *griotismo* literário (...) (p. 12)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> TRIGO, Salvato. Uanhenga Xitu, da oratura à literatura. In *Cadernos de literatura*. Coimbra: Centro de Literatura da Universidade de Coimbra, 1982.

## Malandros das duas margens do Atlântico

A fim de exemplificar nosso ponto de vista quanto à convergência possível no que se refere à personagem do malandro que se pode realizar na leitura de textos dos três autores, escolhemos, as seguintes narrativas: “Malagueta, Perus e Bacanaço”<sup>9</sup> (1961), do brasileiro João Antônio, “Estória do ladrão e do papagaio”<sup>10</sup> (1972) de Luandino Vieira, e “‘Mestre’ Tamoda”, de Uanhenga Xitu.

A leitura comparativa permite verificar que em todas elas encontramos personagens que transgridem a ordem. Vale lembrar, no entanto que as “ações criminosas” a que se dedicam são de pouca monta: adulteração de bebida, furto dos perfumes de um salão de barbeiro, ou o roubo de um papagaio e meia dúzia de patos, no texto de Luandino Vieira, o trapacear no jogo de sinuca, na narrativa de João Antônio, ou inventar palavras e frases inexistentes no português padrão e com isso provocar grandes confusões, como o faz o empregado doméstico Tamoda, que se torna “professor” quando volta a sua sanzala, no interior.

Tendo em vista os pequenos delitos das personagens, merecem lembrança as observações de Antonio Candido a respeito de Leonardo Pataca no ensaio atrás referido, pois assim como no romance brasileiro de Manuel Antônio de Almeida, também nas três narrativas assinaladas não temos seres com um projeto de ascensão social como o que subjaz ao pícaro clássico, mas sim planos mínimos e imediatos muito afins do malandro. Ou seja, dentro de uma sociedade cindida

---

<sup>9</sup> ANTONIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

<sup>10</sup> VIEIRA, Luandino. *Luuanda*. São Paulo: Ática, 1982.

pelo colonialismo, (no caso de Angola), ou em outro país periférico como o Brasil, na ficção de João Antônio, em que a Ordem (colonial) equivale a uma exclusão brutal, é nas brechas, nos interstícios, que buscam a sobrevivência os pobres malandros luandenses e brasileiros<sup>11</sup>.

E, sob esse particular, não se pode deixar à margem que é justamente ao comparar as falhas das personagens e os castigos que lhes são impingidos, que se desnuda a violência de uma sociedade que primeiramente os marginaliza e depois os pune por tentarem sobreviver a qualquer custo.

Um outro elemento para o qual desejamos chama a atenção é o espaço em que se desenvolvem as histórias desses malandros das duas margens do Atlântico, já que os liames entre os espaços e as personagens, nas três narrativas, são bastante estreitos, pois assim como elas, os espaços que percorrem são marginais, na periferia de Luanda, no caso do texto de Luandino, ou no interior de Angola, em um pequenino povoado, em “Mestre Tamoda”, indiciando a posição de “outsiders” das personagens.

Já no texto de João Antônio, os malandros não têm definido o seu local de moradia. E o espaço mais importante é o das salas de sinuca de numerosos bairros paulistas (Lapa, Vila Anastácio, Pinheiros, para citar alguns deles), normalmente à noite. E dessa maneira predominam ambientes em que vicejam “Safados por todos os cantos. Magros, encardidos, amarelos, sonolentos, vagabundos, erradios, viradores” (p. 102).

Poderíamos nos referir ainda à vestimenta das personagens, pois assim como Tamoda apresenta-se janota, de capacete e sapato rangedor, conforme o texto de Uanhenga Xitu nos diz:

---

<sup>11</sup> Vale lembrar as reflexões de Tavares dos Santos: “A violência consiste em um dispositivo porque é composta por diferentes linhas de realização: apresenta uma visibilidade, por vezes de modo demonstrativo; vem a ser acompanhada por uma enunciação; vale dizer, sempre uma violência é antecedida, ou justificada, prévia ou posteriormente, por uma violência simbólica (...)”. Op. cit., p. 23.

“O mestre era tão querido pelos seus petizes que quando passava, todo ele janota, vestido de calções e camisa bem brancas, meias altas e capacete também da mesma cor do fato, saptos à praia com lixa, ouvia-se o coro dos rapazes que tributavam ao Tamoda: -Lungula, Tamoda!... Lungula, Tamoda! [gingar] (p. 13)

Sob esse particular, também as vestimentas do malandro Bacanaço chamam a atenção:

Camisa de Bacanaço era uma para cada dia. Vida arrumada (...). Bacanaço sustentava o paletó no antebraço, seus sapatos brilhavam, engraxados que foram outra vez, e a mão direita manicurada viajava para cima e para baixo, levando e trazendo um cigarro americano (p. 103 e 125).

Vale lembrar, contudo, que, conforme assinala Cláudia Matos, é essa forma de trajar-se que chama a atenção da repressão, pois o malandro acaba por torna-se uma “uma caricatura, uma paródia do burguês”, já que sua forma de apresentar-se “inclui aspectos de exagero e deformação tão evidentes que o próprio trajar elegante é um dos elementos pelos quais a polícia o identifica como malandro”<sup>12</sup>. E, no caso de Tamoda, a sua vestimenta, réplica da forma como o colonizador se vestia, não o torna diferente dos outros negros quando se encontra frente ao Chefe do posto, que o pune com a palmatória. E é e assim que, ao final da narrativa e da vida da personagens, ficamos sabendo que “Faleceu anos depois, mas já sem camisa, sem os sapatos, nem o capacete(...) (p. 42)

Não se pode deixar de referir, também, que ao lado dessa maneira malandra, a qual acaba por reafirmar a figura que todos conhecemos, os textos fazem questão de chamar a atenção para os andrajos de outros malandros da mesma “curriola dos bacanas”, como ocorre com o velho malandro Malagueta, do texto brasileiro, ou o golpista Lomelino dos Reis, da “Estória do ladrão e do papagaio”. Temos, assim, formas diversas de apresentar o malandro, o que nos remete novamente ao caráter híbrido dos textos.

---

<sup>12</sup> MATOS, Cláudia. *Acertei no milhar*. malandragem e samba no tempo de Getúlio. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 56

Vários outros aspectos poderiam ser assinalados como confluência entre os três textos, mas preferimos, por último, referir-nos à marca da oralidade, que nas estórias angolanas de Luandino e Uanhenga Xitu é bastante presente, chegando mesmo o narrador a aparentar um griô o qual vai paulatinamente narrando as estórias de uma Angola cindida pelo colonialismo. Vale ressaltar que não raro, no caso dos textos de Luandino, a oralidade recorre aos contos tradicionais, os missosso, narrativa tradicional de ficção, incluindo personagens humanos, animais e/ou monstros<sup>13</sup>. Lembre-se a respeito, o final de Estória do ladrão e do papagaio, decalcada da fórmula de encerramento dos missosso: “Minha estória. Se é bonita, se é feia, os que sabem ler é que dizem.”

No caso de João Antônio há uma distância maior com relação à oratura. No entanto a linguagem das ruas e dos malandros avulta em todo o texto, quer na fala das personagens, quer nas intervenções do narrador.

E a esse respeito, gostaríamos de chamar a atenção para um grande número de textos – como os presentes em *Leão-de-chácara* recentemente republicado pela Cossac & Naif – em que as histórias são dadas a partir da voz das próprias personagens protagonistas, o que introduz o leitor nas franjas da sociedade, em um mundo habitado por “marafonas, bandidetes, travestidos, jogadores, gente da noite, da polícia, picaretas”, enfim “gente descarrilada” a qual é enfocada a partir de seus próprios olhos e definida por suas próprias palavras. Ausenta-se, por tanto, o olhar “de fora”, o qual por certo redundaria em piedade ou desprezo por esses seres da margem. Instaure-se no texto, portanto, uma fala que a escrita captura e acompanha, fazendo-nos partícipes do mesmo círculo de desvalidos. Com isso, quebra-se a distância entre o leitor e o malandro.

No caso dos textos de Uanhenga Xitu, verifica-se que eles se constituem em uma retomada da oralidade no escrito, mas de forma a que o choque entre oratura e texto erudito não é encoberto, mas, pelo contrário, salta ao leitor com uma multiplicidade ativa (para usarmos a expressão de Scarpetta). Atente-se a esse monólogo de Tamoda:

Pessoa que vai falar com o Senhor Administrador, não vai dar conversar com estes cavalgadas, aqueles verdugos, fintilhos. Mesmo aquele velho que está a falar parece-me

---

<sup>13</sup> Com relação ao fecho das narrativas, Oscar Ribas informa: “No encerramento, diz-se: Já expus (Ngateletele) a minha historiazinha. Se é bonita, se é feia, vocês é que sabem”. (RIBAS: 1964, p. 28, vol 1)

um panaça e querem confiança comigo. Bom dia e já chega. Veja lá se chegar agora o Administrador ou Secretário e encontra Tamoda em croniquizamento com esta gentalha!... Vai pensar o Administrador que Tamoda é da igualhagem dos mucamas; e ainda vai pensar que Tamoda é pessoa de lupanar, carambas!!(...) ( p. 27)

A questão da oralidade aqui referida nos remete a Glissant, que em *Le discours antillais* define a linguagem de seus textos da seguinte maneira: "Minha linguagem tenta se construir no limite do escrever e do falar" ,fazendo questão de ressaltar que não reproduz a linguagem do cotidiano, mas realiza uma síntese da sintaxe escrita e da rítmica falada. Ora, segundo entendemos, é esse também o caminho de Luandino, João Antônio e Uanhenga Xitu, que mesclam o oral e ao escrito, trazendo à literatura uma heterogeneidade de registros, uma mistura híbrida, como o são os seus personagens.

#### À guisa de conclusão

Haveria, ainda, outros aspectos que poderíamos confrontar, produtivamente, entre os textos dos três autores. Cremos, todavia, que as indicações da leitura realizada são suficientes para indicar a presença de um *patter* da malandragem presente em textos de sistemas literários diferentes que integram o macrossistema das literaturas em língua portuguesa. E que o caráter dessa personagem apresenta-se a partir do híbrido.

Segundo entendemos, os dois textos apresentam personagens que vivem nas brechas, governados por uma Ordem excludente (o colonialismo em Angola, o estado policaiesco no Brasil) a que respondem com a desordem da margem. E, dessa maneira, desvendam os mecanismos da violência, permitindo que ela seja encarada não como algo “natural”, mas um fenômeno situado social e historicamente.

Assim, os malandros de Luandino Vieira, Uanhenga xitu e João Antônio não são triunfantes, risonhos, brejeiros ou prenhes de bonomia. Pelo contrário, são tristes, sujos, esfomeados, habitantes de um espaço degradado e degradante.

Mas, por isso mesmo, são capazes de desmascarar a violência e realizar um movimento apontado por Paulo Sérgio Pinheiro e que se torna extremamente inquietante para as elites:

Apesar de todas as guerras e campanhas, por mais (...) subjugados e auiescentes ao arbítrio que estejam por maior lhaneza e desmobilização, parecem estar sempre avançando.

E nada os detém. Felizmente.